

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A CIDADE E A CRISE DA BORRACHA: A GÊNESE DA CRISE  
MANAUARA E SEUS EFEITOS NA INFRAESTRUTURA URBANA E  
ECONÔMICA

Bolsista: Thiago Oliveira Neto

MANAUS  
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO PARCIAL  
PIB – H – 0001/2012  
A CIDADE E A CRISE DA BORRACHA: A GÊNESE DA CRISE  
MANAUARA E SEUS EFEITOS NA INFRAESTRUTURA URBANA E NA  
ECONÔMICA

Bolsista: Thiago Oliveira Neto  
Orientador Prof. Dr. Ricardo José Batista Nogueira

MANAUS  
2013

## RESUMO

A pesquisa buscou enfatizar o início da crise da borracha, abordando os primeiros anos e as consequências na cidade de Manaus, nos fins do século XIX até o início do século XX. Seu principal propósito é indagar os motivos que levaram à crise e seus reflexos na cidade, bem com o comportamento das autoridades perante tal situação econômico-social. Trata também das primeiras tentativas para minimizar o impacto da crise. Estabelecemos uma sequência de três momentos históricos: o primeiro quando se leva sementes da Amazônia para a Ásia, a segunda parte é a possível ameaça de uma concorrência com seringais asiáticos e a última etapa é o início da crise econômica em decorrência de vários fatores que culminaram para a mesma afetando diretamente a cidade de Manaus, onde os objetos construídos naquele momento na área urbana passaram a ter outros usos e desusos ao longo dos anos.

Palavra chave: crise da borracha, cidade, Amazônia e objetos construídos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	07
DESENVOLVIMENTO	09
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
CRONOGRAMA	32

## INTRODUÇÃO

A crise da borracha amazônica teve seu início nas últimas décadas do século XIX, quando são retiradas da Amazônia sementes de seringueiras que supostamente iria constituir uma mega plantação no continente asiático o que acarretaria anos mais tarde a crise econômica, mas a borracha asiática teve fatores que contribuíram para que a mesma se tornasse mais vantajosa, pois seu preço se tornaria inferior ao da produzida na Amazônia, mas isso só ocorrerá na primeira década do século XX.

Apesar de percebermos em documentos do final do século XIX uma preocupação com a única fonte de arrecadação que mantinha a cidade em funcionamento, a cautela não passou de ato figurativo, pois durante o período estudado de 1880 a 1916 poucas atitudes foram realizadas em busca de novos meios de diversificar as finanças. Assim na cidade de Manaus, ainda no século XIX, surgiram os primeiros indícios da decadência econômica e que vêm à tona no início do século XX como relata os documentos de governo, tais como no ano de 1906 da Mensagem do governador Antônio Constantino Nery, relata que num futuro não muito distante a borracha silvestre amazônica passaria a ter um concorrente no mercado mundial.

Neste trabalho buscamos compreender os fatos que encaminharam Manaus a vivenciar uma crise econômica que se estenderá até o início dos anos 60, contudo vamos nos centrar até o fim do Governo de Jonathas Pedrosa quando a crise já se torna evidente aos olhos do poder público e da elite extrativista amazonense.

Assim o contexto da crise se estabelece numa tríade da seguinte forma: o início da produção de borracha no continente asiático, o modo primitivo da extração do látex amazônico e a exportação de borracha ser a única via que se obtinham as arrecadação do Estado. A ausência de investimentos no extrativismo da borracha proporcionou uma desvantagem quando se insere o látex mais rentável e de maior oferta provocando a desvalorização do produto afetando as finanças do Amazonas.

As finanças ficaram mais abaladas com baixa na cotação da borracha, a menor arrecadação numa progressão em que se minguavam cada vez mais os lucros e conseqüentemente a falência do Estado numa expectativa que ainda irá se recuperar, mas tal expectativa não se concretizou, o que é perceptível logo a seguir.

Apenas quando os lucros da exportação se tornam escassos, o poder público passa a tomar as iniciativas para viabilizar outras fontes de rendas às pessoas que vivem nos seringais ou habitam a cidade. Contudo nenhum outro produto extrativista tinha tanta aceitação no mercado devido sua empregabilidade na indústria naquele momento.

Nos primeiros anos de crise, de 1910 a 1912, ocorre uma leve oscilação nas exportações e nas cotações internacionais, e pouco percebe nas arrecadações, mas a partir 1913 até 1915 houve uma queda acentuada na cotação do quilo e conseqüentemente a redução nas arrecadações do Tesouro, tornando-se evidente a gravidade da crise em 1915, quando as arrecadações se mantêm no mesmo patamar.

Dessa forma dívidas começam a se acumular devido à ausência de capital para sanar os compromissos com os bancos que começaram a se acumular. Apesar da crise, o governo continua realizando empréstimos e cada vez mais as arrecadações iam minguando.

A fragilidade das finanças do Estado se tornava inerente, o que afetou a produção de látex devido às baixas nas cotações do produto no mercado mundial e sua respectiva comercialização, esses inúmeros empecilhos acarretaram na desestruturação de uma cadeia de produção, afetando diretamente os seringueiros presente em varias partes da Amazônia, e as respectivas cidades situadas na Amazônia que realizavam sua manutenção urbana através dos capitais oriundos das exportações extrativistas. A crise se agravou mais ainda com a proibição da comercialização no mercado internacional em decorrência da primeira Guerra Mundial.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho é o resultado da análise histórica e geográfica da cidade de Manaus, buscou-se evidenciar a crise econômica que veio ocorrer no momento em que a cidade se embelezava. Este estudo está embasado em leituras que primeiramente fornecem uma compreensão sobre a formação das cidades, uma delas é: *Lewis Mumford A cidade na História* e *Jean Jacques Le Goff* em seu livro *Por amor às cidades*, depois partimos da leitura sobre a economia gomífera abordada pela *Barbara Weinstein* em *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência 1850-1920*, e *Roberto Santos* em *Historia econômica do Amazonas 1800-1920*, e a compreensão do período de embelezamento se dá através das obras da *Edineia Mascarenhas Dias* *Ilusão do Fausto* e do professor *Otoni Moreira Mesquita* em sua tese *La Belle Vitriini: O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890/1900)*, que trata do processo de urbanização da cidade de Manaus com ênfase no governo de *Eduardo Ribeiro* que aplicou políticas de embelezamento da cidade que se constitui em um *artefato cultural*.

A segunda parte do estudo compreende o levantamento bibliográfico referente ao processo de urbanização das cidades numa perspectiva geográfica. Sobre o tema da pesquisa buscamos alguns autores que tem uma abordagem teórica, entre eles: *Milton Santos* em três obras: *A Natureza do Espaço*, *Manual de Geografia urbana* e *Por uma geografia nova*, e outro clássico foi do *Pierre George* em seu livro intitulado *Geografia urbana*; *Roberto Lobato Corrêa: Região e organização espacial*, o *Mauricio de Almeida Abreu: O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação contribuição á História do pensamento Geográfico Brasileiro*, aborda nesse primeiro estudo numa abordagem mais histórica do pensamento geográfico, mas o segundo artigo *Sobre a memória das cidade*, é o mais relevante para este trabalho, pois demonstra como deve realizar uma pesquisa nesse âmbito, e chama atenção para não deixar se levar pelo discurso expresso em documentos, pois neste caso os governantes vão expor aquilo de seu interesse,

nesta ótica as pesquisas se encaminham na contextualização das informações presente em trabalhos já citados.

As mensagens de governo retratam um período vivenciado por uma sociedade, a nobreza que era responsável pela mudança no aspecto físico da cidade, e Mauricio de Almeida Abreu chama a atenção nesse aspecto.

(...) não apenas construíram objetos mais duráveis, como foram também as criadoras das próprias instituições de memória, não raro estabelecidas exatamente para guardar as lembranças que aqueles que as instituíram consideravam importantes. Por essa razão, os documentos que se encontram nessas instituições, e que são também invariavelmente utilizados como fontes ou atestado de “memória urbana”, são, eles também expressões de poder. (ABREU, 1998, p.86).

Para realizar as investigações, deve-se pensar que um documento *jamais é neutro, e contextualizar o vestígio, saber quem o produziu, quando e, se possível, com que objetivo, é portanto o primeiro passo a ser tomado.* (1998, p. 88). Nesta perspectiva apoiamos em leituras de vários autores tantos da geografia quanto da história regional.



## DESENVOLVIMENTO

A crise econômica teve vários fatores, mas o principal, inicia-se no ano de 1876 e surtiu efeito três décadas mais tarde, o primeiro e principal foi quando Henry Alexander Wickman leva sementes da *Hevea brasiliensis* para serem cultivadas e transplantadas aos locais da futura produção de látex.

(...) 1876, Henry Alexander Wickman largava de Belém, a bordo do navio *Amazonas*, no dia 29 de maio de 1876, levando 70.000 sementes da *Hevea brasiliensis*, colhidas em Santarém e retiradas para o Jardim Botânico Kew Gardens, em Londres, das quais germinaram apenas 2.397. De Kew Gardens as pequenas plantas foram expedidas em agosto de 1876 para o Ceilão e distribuídas para os Jardins Botânicos de Peradenya e Heneratgoda para aclimação. No ano seguinte procedia-se a sementeira em Cingapura e daí para Perak no norte da Península e para os Estados Federados Malaio e Malaca em 1895. Benchimol, 1999, p 2008.

Benchimol afirmava que os (...) *ingleses responsáveis por essa revolução heveicultura não se descuidavam da pesquisa, tecnologia e ensino* (1999, p 222), o que levou a realizar grandes investimentos no cultivo da *hevea*. Essas aplicações de capital teria retorno em longo prazo, que veio com a produção que aumentava cada ano, o que resultou na desvalorização da cotação da borracha como veremos.

Apesar das dificuldades encontradas o resultado das plantações foi satisfatório e em poucos anos destronava a Amazônia do mercado mundial rompendo assim o monopólio e ocasionando a falência da *Bella Manáos*.

O extrativismo da borracha amazônica se caracterizava em um monopólio natural, livre da concorrência e era o maior fornecedor dessa matéria prima. Esses vetores ocasionavam uma obtenção maior de lucro pela ausência de concorrência passando a vender suas mercadorias muito acima do preço natural delas, auferindo ganhos que consistam em uma obtenção de lucros muito acima do que sua taxa natural. (Smith, 1996, p. 114).

Durante o período compreendido de 1880 a 1910 o poder público não viabiliza a produção agrícola e outras vias que fornecessem ao Estado receita igualável a da borracha, sendo esta única fonte de riqueza, e diretamente dependente de sua exportação. Além disso, o enorme território é apontado como

despovoado o que dificulta a extração como afirma a Coronel Guilherme José Moreira em 1884,

A provincia do Amazonas, rica de productos naturaes, com um territorio vastíssimo, mas com população relativamente insignificante, além de muito esparta, sem industrias propriamente ditas, nem agricultura, tem o seu futuro entregue quase que exclusivamente á extração da gomma elastica, o mais importante de seus productos, a fonte mais abundante da sua riqueza. Exposição 11 de março 1884, p. 9.

Nas últimas décadas do século XIX o governo já se preocupava com o futuro da economia amazonense, e inicia o cultivo da *hevea*, em pequeno número, como descreve Jose Lustosa da Cunha Paranaguá:

No quadro da produção do Amazonas póde-se dizer que só encontram-se productos naturaes da industria extractiva, e a borracha particularmente. Em alguns logares começa-se a ensaiar, em muito pequena escala é certo, o cultivo da seringueira. Relatório 25 de março de 1883, p 69.

Nesse mesmo contra tempo onde se embeleza a cidade, a visão política econômica fica baseada no extrativismo da borracha e deixa em segundo plano a agricultura, pois a área dos seringais era considerada imensa. Apesar de tais problemas, como o tempo que se leva para percorrer entre as seringueiras, e a consolidação de vilas próximas aos seringais como forma de evitar que o trabalhador ande inúmeros quilômetros, inicia-se nessas vilas uma pequena produção de subsistência. Apesar de não temer o futuro da economia do Amazonas o governo faz a seguinte declaração no relatório de 1883:

Não sou d'aquelles que se arreceiam pelo futuro da provincia do Amazonas, vendo em breve tempo estancar-se a sua fonte de produção, com a devastação dos seringaes: a seiva é abundatissima, e ainda é immensa a area de terrenos desconhecidos. Assim, não é por esse lado que considero a vantagem de transformar em industria agricola a industria puramente extractiva da borracha. Além de consideravel augmento na produção, que provirá forçosamente da suppressão das distancias, em que encontram-se as arvores no estado nativo, com prejuizo do trabalhador, que perde muito tempo para percorrel-as, há vantagens importantissimas de outra ordem: ellas consistem em fixar e condensar em certos pontos uma população extremamente disseminada, em despertar o amor ao solo n'esses milhares de immigrants e naturaes, que por ahi arrastam uma existencia nomada, em fundar melhor a propriedade, em garanti o imperio da lei e a acção da justiça, em proporcionar emfim todas as vantagens da vida social. Relatório 25 de março de 1883, p 69.

A plantação das seringueiras ficou num estado de latência, devido o tempo da maturidade da planta para poder retirar o látex, porém tal plantação em alguns

anos pagaria os investimentos como afirma Paranaguá (1883, p. 69) da seguinte forma:

Admitto que a seringueira exija muitos annos para attingir o desenvolvimento necessario á producção regular. Mas, dentro em poucos annos, a situação agricola que contiver alguns milhares de seringueiras, terá augmento de valor em proporção suffciente para remunerar aquelles que por si ou por seus herdeiros não lograrem colher o precioso succo, cujas exigencias de consumo vão augmentando sempre, de um anno para outro.

Essa concepção foi estabelecida e utilizada nas plantações no continente Asiático que resultaria num valor inigualável aos da produção realizada na Amazônia, já nas primeiras décadas do século XX.

Mas as condições financeiras que se vivenciaram no período de 1880 até 1912, eram de cunho satisfatório aos administradores, afirmando que *continúa a provincia a gosar de prosperidade em seu estado financeiro* (Relatório 17 de março de 1882, p 5), onde a produção e comercialização da borracha forneceu ao Estado somas satisfatórias de arrecadações, e uma parcela foi destinada para executar e cobrir as, (...) *grandes despesas determinadas pelas obras concluidas ultimamente n'esta capital e no interior da provincia* (Falla 4 de abril de 1881, p. 9). A cidade de Manaus principalmente passava por um processo de reestruturação urbana que buscava criar um ideal, ou seja, um ambiente propício à vida saudável, similar a uma cidade da Europa. (MOREIRA, 2005).

Enquanto a burguesia extrativista tinha a *tendência a consumir cada vez mais serviços pessoais*, principalmente aqueles em que o Estado estava implantando como: energia elétrica, iluminação, teatro, calçamento, salubridade, rede de esgoto e água potável e entre outras infraestruturas e serviços, a borracha continuava sendo o, (...) *principal genero de exportação da provincia* (...) (Relatório de 23 de março de 1883, p. 110),

Neste intervalo, enquanto os administradores de Manaus visavam o embelezamento da cidade, as plantações na Ásia se projetavam a se tornar um forte concorrente, levando assim o governador Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt realizar a seguinte afirmação: (...) *já se inicia o plantio da seringueira, que sempre fôra descuidado*, (1910, p 58) em contra partida a Asiática estava iniciando sua produção.

Nas últimas décadas do século XIX ocorreu o ápice das *exportações da borracha não tem deixado de seguir a mesma marcha ascendente* como afirmou

Eduardo Ribeiro (1896, p 35) num momento promissor da economia gomífera, a mesma no final do século XIX, o comércio internacional demanda cada vez o produto amazônico, que era empregado nas indústrias de vários países.

Esse ritmo crescente nas exportações também era acompanhado de crises e instabilidade das cotações que se recuperava num curto período de tempo, mas o governador de Antônio Constantino Nery afirma em sua Mensagem de 1906 que as plantações instaladas no continente asiático iriam tornar um concorrente no mercado de produção de borracha. Tal efeito será perceptível nos anos decorrentes a 1910, quando depara com a queda nas arrecadações devido à desvalorização no mercado mundial tornando-a produtora secundária num mercado saturado pelos seringais do Oriente. (LOUREIRO, 1994, pp, 9-14).

Com a sombria e real possibilidade de uma crise, Nery propõe em sua Mensagem de Governo um plano de desenvolver outros setores da economia amazonense.

A nossa mesma mensagem, trouxe ao vosso conhecimento a necessidade que temos de fomentar o desenvolvimento da agricultura e industrial pastoril no nosso Estado, problema tão complexo e de maximo interesse para o Amazonas, que seria perfeitamente justificavel qualquer sacrificio tendente a habilitar o governo com os elementos necessarios á sua solução. (Mensagem 1906, p 40).

O desenvolvimento da cidade nos aspecto populacional, urbano e econômico se dava através da exportação de um produto que tinha uma grande demanda, mas outros produtos extrativistas como: pirarucu, óleos, guaraná, couro, manteiga, peixe boi, salsa, tucum, castanha e cação (Relatório, 1883, p 59) são de baixo consumo ao invés da exportação da borracha.

Exportação e importação segundo Benchimol constituía em um,

Sistema extrativista que vinculou a empresa produtiva silvestre aos mercados externos, tanto para a exportação de seus gêneros, como a importação de bens de consumo, passando pelo funil da economia dos empórios urbanos radicados na área, provocando assim uma participação intensa do setor financeiro e bancário. BENCHIMOL, 1966, p 324.

Apesar de ser considerada pelo governador a (...) *principal fonte de riqueza, a industria extrativista, está ameaçada de um futuro não muito lisongeiro, pela concurrencia que nos augura proxima lucta.* (Mensagem, 1906, p. 40) Isto já demonstrava uma preocupação com o futuro da cidade e do Estado perante a situação das plantações no Ceilão, embora o governo amazonense, jamais

pensasse que o produto mais exportado, fonte de riqueza do Estado, encontraria um competidor no mercado em poucos anos. Dessa forma afirma:

Devemos sempre ter em vista que longe vão os tempos em que se acreditava que os nossos productos jamais poderiam encontrar fortes competidores ou soffrer diminuição da gomma de maniçoba nos outros Estados da Republica, e de outros similares na Africa, Asia e America Central, que começa a nos fazer competencia, constituindo, deste modo, grande ameaça á valorisação do nosso primeiro genero de exportação. Assim, a protecção que se dispense á adgricultura em nosso Estado será, quando nada, uma medida preventiva e asseguradora do nosso futuro. Mensagem, 1906, pp. 40-41.

A borracha foi a principal fonte arrecadações de impostos, e sua queda representaria uma crise e perdas para o Estado, que assim não teria recursos para continuar as inúmeras obras de embelezamento, e como consequência o desabastecimento de gêneros alimentícios provocaria mortes e deslustraria a miséria da *Bella Manãos* que foi apenas planejada no sentido de receber turistas e acomodar a sua população nobre e os investidores, e o poder público não investiu maciçamente na sua própria fonte de manutenção.

Os investimentos realizados pelos ingleses, viabilizando a plantação de seringueiras, em pouco tempo tornaram rentáveis em vários fatores, o que proporcionaria a maior produção a partir de 1912.

Os fatores que demonstram as diferenças na coleta da seiva no Amazonas em frente às plantações asiáticas são:

1. Na Amazônia as seringueiras estão espalhas pela floresta, já no continente Asiático foi plantado em aglomerado facilitando a colheita perdendo-se menos tempo para percorrer para sangra e retirar o látex.<sup>1</sup>

2. Na floresta amazônica tem inúmeros rios, pântanos e lagos além de ser quase intransponíveis sendo local de proliferação de mosquitos transmissores de doenças como a malária.

3. Doenças como paludismo, beribéri e varíola são endêmicos nos seringais em decorrência da ausência de profilaxia e a má alimentação dos seringueiros.

4. As distancias entre os seringais levando horas para chegar a determinadas localidades.

5. Na Ásia a mão de obra é mais inferior do que a empregada na Amazônia.

---

<sup>1</sup> Na região amazônica as árvores do gênero *Hevea Brasiliensis* (...) encontram-se (...) no estado nativo, com prejuizo do trabalhador, que perde muito tempo para percorrel-as (...) **RELATÓRIO** 25 de março de 1883, p 69. O que levava horas para realizar um trabalho e correndo riscos de vida podendo ser atacado por animais ou índios ao percorrer trilhas no meio da floresta amazônica.

## 6. A utilização de técnicas primitivas da extração do látex.

Analisando as condições acima é possível observar que a borracha de origem não silvestre dominaria o consumo das indústrias em poucos anos, pois o fator dos investimentos realizados desde botânica até a extração do látex sendo aperfeiçoado, apresenta um produto com menor custo de extração e a gigantesca plantação na Ásia tornaria referência mundial na produção de borracha consequentemente um concorrente da produção realizada na Amazônia, devido às dificuldades encontradas na selva para realizar a retirada do látex.

A área destinada às plantações da *Hevea brasilienses* na Ásia se caracterizava em acres, onde cada um detinha uma área de 2.471 metros quadrados podendo conter 250 árvores cada, dando uma dimensão da plantação do Ceilão, que destronaria Amazônia do mercado mundial da borracha a partir da primeira década do século XX.

As vantagens da plantação no Ceilão se torna evidente na afirmação de Nery (1906, p. 41) após as observações feitas pelo consultor geral em Liverpool.

Nos últimos quatro anos, grandes quantidades de sementes da *hevea* foram ali importadas, e desde esta época cerca de 60.000 acres de terreno têm sido plantados na ilha (Ceilão) e igual área nos Strats Settlements na proporção de 250 árvores por cada acre. As plantações têm sido feitas systematic e scientificamente, de sorte que, em algumas casos as árvores aos três anos já alcançam suficiente força de produção, e na generalidade aos seis anos, contra oito e dez em outras partes do mundo, sendo, portanto, quase toda a borracha aqui importada de Ceilão, o produto dessas árvores de precoce madureza, por isso que poucas há com idade superior a quatro anos.

O diferencial da borracha Asiática e da amazônica está nos fatores de custo de produção e aplicação científica empregados na sua plantação, e à goma silvestre detêm de um modo de extração rudimentar, onde as árvores nativas estão espalhadas pela floresta, *enquanto na Amazônia se contavam em média 1,5 pés por hectare em exploração, na heveicultura oriental a densidade era de 200 pés, em média, por hectare (...)* (SANTOS, 1980, p. 233) e o advento das doenças que se propagava entre os trabalhadores tornando-se muito trabalhoso a extração, e inviável ao mercado consumidor devido à goma asiática ter custos menores, tornando-se mais rentável.

A dimensão gigantesca dos seringais plantados no Ceilão em questão de área e quantidade de árvores por acres demonstrou a vastidão de seringueiras

destinadas a sua produção às indústrias da Europa e America do Norte como afirma na Mensagem de Governo de 1906:

Para que se tenha idéa da energia com que está sendo dirigida esta industria, basta mencionar que, neste anno, cerca de quatro milhões de sementes foram vendidas a 1d. cada uma e todas plantadas, e provavelmente, este algarismo representa sómente a metade das plantações feitas em Ceilão, no decorrer do anno. Está calculando que neste anno mais 100.000 acres de terra serão aproveitados para o cultivo da borracha nessa ilha e igual área nos Straits Settlements, o que dá um total de 320.00 acres nas duas colonias, representando, na proporção de 250 arvores por acre, oitenta milhões de arvores actualmente em cultivo: assim é que, sem contar com maior incremento no plantio, estas duas colonias inglezas, dentro de poucos annos, estarão em posição de supprir os mercados com a melhor borracha até agora conhecida.

Estes factos trazem a precisa clareza, para aquilatarmos o seu alcance e prevermos suas consequencias.

Entendo, pois, ser um dever dos poderes publicos despertar e impulsionar a iniciativa particular e, para isso, penso que a organização de concursos agricolas, promovidos pelo governo, concedendo premios a quem maior aprefeiçoamento der á cultura da *hevea* e aos meios de coagulação, produzirá optimos resultados. E' mister tambem, como corollario, a criação de campos de experimentação onde se pratique a selecção e o estudo systematico do melhor modo de extrahir o *latex*. Adoptando-se processos chimicos de coagulação e prensamento. (Mensagem, 1906, p. 41-43).

As plantações de *hevea* de acordo com Santos (1980, p 233), estavam localizadas no oriente em lugares como: Malásia, Sumatra, Cingapura, Ceilão, Índia e Birmânia, Bornéo Britânico, Indochina, e Sião juntas propiciaram uma mega produção de látex. Dessa forma o extrativismo amazonense e de toda a região amazônica produtora enfrentou afluência simultânea e o início de uma nova era da falta de recursos oriundos da exportação da borracha silvestre amazônica que se estenderá por quase meio século, devido à falta de projetos voltados a uma diversificação da economia, que ficou preso ao extrativismo.

Os números extraordinários das plantações no oriente começam a despertar indícios de que estava surgindo um novo concorrente que logo mais tarde apresentará um produto mais viável às indústrias, “mais barato” devido ser mais fácil a retirada do látex, o inverso que ocorria na amazônica, devido às seringueiras terem sido plantada em fileiras, e apresentando uma densidade de árvores maior por kilometro quadrado, e o rendimento da árvore adulta nativa era de 1 a 2 quilos, já a da Ásia eram 2,5 quilos, enquanto o custo de produção em francos na Amazônia era de 7,50 na Ásia 3,38. Essa diferença de custo de produção entre as duas produções levou uma em detrimento da outra, ou seja, o estabelecimento da crise na

Amazônia, e a outra o aumento repentino na produção e conseqüentemente a dominação do mercado mundial. Santos (1980, p. 235).

No período “áureo da borracha” o capital que passou a circular nas pequenas cidades como Manaus começou a atrair pessoas de varias regiões; vinham para desfrutar dos lucros da extração do látex como afirma José Lustosa da Cunha Paranaguá no Relatório, (1883, p. 68) “*A grande alta de preços da borracha, n’estes ultimos annos, tem attrhido para os seringais todas as vitas da população*”. Um dos fatores dessa imigração rumo a Amazônia em que boa parte composta de nordestinos como afirma Mesquita, (1999, p. 130) foi:

Em 1877, quando violentas secas assolavam o sertão nordestino, principalmente o Ceará, obrigando seus habitantes a se refugiarem em outras regiões que oferecessem melhores condições de sobrevivência, intensificou-se uma corrente migratória em direção à Amazônia, (...)

As migrações internas ocorreram neste caso pelas condições físicas de uma parcela do território do país, onde as estiagens do nordeste, aliada a condição econômica da Amazônia “favorável” ao trabalho, promoveram um fluxo populacional que consistia na procura de trabalho em outros lugares e progresso econômico de uma cidade, (SANTOS 1989, pp 39-41). Esse acontecimento contribui na elevação nos índices demográficos entre os anos de 1870 a 1910, subindo de 10.659 para 62.067 habitantes em Manaus. (SANTOS, 1980, p, 109).

A alta nas arrecadações no ano de 1910 foi fruto da valorização recorde da borracha no mercado, o que rendeu grandes arrecadações ao Estado, porém isso se inverteria com o início da desvalorização da borracha no cenário mundial em decorrência da entrada da borracha asiática no início do século, seus efeitos serão perceptíveis três anos depois de 1912 quando se exporta 43.730 e o continente asiático exporta 28.184 e sua cotação cai em dois anos 440,9 libras esterlinas Benchimol, (1999, p. 211) demonstrando que a crise afetou as arrecadações de intendência da receita pública, que nesse mesmo período arrecada apenas 8.349:197\$552 em 1913 contra 12.907:445\$477 em 1912 e inferior a de 1910 que fica orçado em 18.056:133\$475. Diário Oficial (10/11/1942, p. 18).

Um dos fatores que agravaram a crise foi à demora em perceber a mesma, que se tornou visível a partir de 1914 em diante quando a desvalorização contínua da borracha no cenário mundial se torna mais profunda.



A crença de que crises anteriores foram recuperadas ano seguinte de forma que a próxima safra os lucros recuperaria os déficits da safra anterior, não veio ocorreu a partir de 1910, de acordo com Bentes:

A partir de 1910, os primeiros sinais de crise no comércio de exportação da borracha silvestre tornam-se mais evidentes. Porém, como a variação de preço no mercado internacional era comum, a maioria da elite local acreditava que esse período de oscilações iria logo acabar e que o preço da borracha iria subir novamente, devido às experiências anteriores. Baseados nessa crença, o governo do Estado e a Associação Comercial do Amazonas não deram a devida importância ao fato e ocupavam-se em organizar congressos para discutir novos métodos de extração da borracha, visando ao aumento de seu preço no mercado, como se nada estivesse acontecendo, (...) (Bentes, 2008, p 49).

Em 1911, o governador Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt em sua Mensagem, afirma que o (...) *grande campeão do plantio asiático* (...) (1911, p. 96), referindo-se ao Ceilão, porém a preocupação com as plantações de *Hevea brasilienses* iniciaram nos primeiros anos da década do século XX, que apesar dos números da extensa área plantada, só abalaria a economia amazonense a partir de 1915, quando se efetiva a produção e o volume em tonelada supera a produção extrativa. E os anos sombrios e sem capital para custear os gastos públicos para continuar o embelezamento da cidade que passa a viver a sua própria falência.

A crise é sustentada por uma tríade que vai desde a plantação de seringueiras no continente asiático à falta de modernização dos seringais e até o endividamento do Estado na execução de obras do projeto de embelezamento que continua em execução pós Eduardo Ribeiro. Juntos essa tríade dará início a crise do Estado e a falência da *Bella Manáos*.

No final do governo de Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt a crise não demonstra situações desesperadoras, pois a queda nas arrecadações é considerada um fator passageiro em decorrência da oscilação que sempre houve nas exportações. Porém a depreciação da borracha continua no Governo de Jonathas Freitas Pedrosa.

No primeiro ano do mandato do Governador Jonathas Pedrosa em 1913, a situação financeira do Estado do Amazonas começa a ter impactos negativos em decorrência da produção asiática no mercado mundial. A situação é assim analisada pelo governador e descrito em sua Mensagem dirigida a Assembleia Legislativa:

Augmento de << modo proibitivo>> de certas verbas da Receita, diminuição de outras, extinção de cargos publicos imprescindiveis á boa

marcha da administração do Município, sem nenhuma vantagem de ordem economia; aumento exagerado de remuneração de certos cargos públicos e diminuição de outros (...) Mensagem de 1913, pp, 12-13.

Um ligeiro exame por mim feito acerca do assumpto, trouxe ao meu espirito a necessidade inadiavel da revisão quase total do orçamento, como uma medida de salvação publica. Não convém que se occulte as precarias condições financeiras do Amazonas, o decrescimento assombroso de suas rendas, simplesmente para justificar um equilibrio orçamentario, que não existe, se forem mantidas as verbas referentes á Despeza. (Mensagem de 1913, pp. 13-14).

Como relata na sua Mensagem de governo é possível observar as oscilações na produção gomífera e a queda acentuada causada pela forma de extração da seiva, que propiciou o esgotamento devido às árvores não terem atingido a maturidade.

Claro está que a do corrente anno, não poderá ser superior á dos annos anteriores, attendendo a que a produção tende sempre a baixar, já pelo cansaço e exgotamento das seringueiras, já porque a cultura dessa planta entre nós, é ainda muito incipiente. Mensagem, 1913, p. 14

Esses fatores demonstrados levaram a crise econômica que no governo de Jonathas Pedrosa começa a ser perceptível: (...) *o que se chama o colapso da economia gomífera da Amazônia foi essencialmente à queda súbita dos preços da borracha entre 1911 e 1914, desarticulando quase por completo o sistema primário-exportador da região.* (SANTOS 1980, p 208). Relatado na mensagem de 1913; *Ao passo que no anno anterior a borracha alcançou esses preços, que já são baixos e não produzem grande resultado ao extractor, a media dos preços do corrente anno será muito inferior a do anno passado (...),* Mensagem (1913, p. 15) o que diminui as arrecadações do governo devido o preço comercializado ser cada vez inferior a cada ano, isso aumenta a dívida flutuante, devido à falta de capital suficiente para liquidá-las e a diminuição drásticas de capitais na cotação afeta diretamente as casas aviadoras e exportadoras, os aviadores e o extratores.

De acordo com Loureiro (1994, p 14) a região amazônica no ano de 1897 era o único fornecedor de borracha ao mercado, no ano de 1911 cai para apenas 50% e chega a 14,8% em 1917 demonstrando a situação da crise amazônica.

As dívidas externas do Estado evidencia um saldo devedor de Rs. 44.326:495\$093 Mensagem (1913, p. 23) e as Internas se amontoam num número alto em apólices<sup>2</sup>. Além dessas dívidas, outras vinham sendo acumuladas e outros

---

<sup>2</sup> Interna. –(...) o estado desta divida, até o dia 15 do corrente, já se tendo emitido 7.018 apólices de réis 500\$000 cada uma, no valor de Rs. 3.509:000\$000; 10.000 de Rs. 1:000\$000, no valor de Rs.

empréstimos eram concedidos para efetuar o pagamento de dívidas, algo que aumenta numa progressão aritmética, com a aplicação de multas pelo atraso no pagamento e os juros.

(...) amortização do empréstimo primitivo, depois de pagar os atrasos de 1907, mandei levar a crédito do adiantamento, que assim foi decrescendo. Contractar um Empréstimo para pagar certas dívidas, porém, *pagal-as com dinheiro já trazido para amortizar o Empréstimo*. (Mensagem 1910, pp. 78-85)

No ano de 1913 o governador Jonathas Pedrosa lamenta o que estava ocorrendo na cidade, e lembra a prosperidade e o progresso onde foi realizado grandes obras, atrelada à demonstração de riqueza e civilização onde,

Nesses tempos, o Amazonas era o centro de atracção dos desiluidos de outras terras; era rico, tinha uma população próspera e feliz e do seio das manifestações populares expandia-se o sopro de um vigor progressivo, nas lides do trabalho e nas lides da política. Mensagem (1913, p 24).

Milton Santos descreve uma determinada situação em que *os investimentos mal dirigidos e não reinvestidos criam um crescimento urbano provisório e irregular. Num dado momento, algumas cidades disso tiram proveito, num dado período de tempo até iniciar o período de estancamento*, (SANTOS 1989, p 94-95). Tal situação de estancamento fica claramente exposta na mensagem: (...) “*não é possível promover rapidamente o desenvolvimento econômico e a normalização financeira do Amazonas*”, (...) Mensagem, (1913, p. 25) que leva tempo até uma possível normalidade em detrimento de se assegurar em uma monocultura que já demonstrava anos anteriores uma possível crise, a decadência da *Bella Manáos* um artefato construído com os lucros da borracha já não podia mais depender de forma central da mesma.

(...) uma estavel posição de concorrente universal, que, permitindo-lhe trilhar o caminho esquecido nos dias prósperos de hontem, pelo desenvolvimento das vias de transporte, talhadas a par e passo das industrias agricola e pastoril, bases primeiras da segurança das industrias fabris, será o marco certo da verdadeira grandeza amazonense, tão cedo prophetizada pelo sabio inglez. Mensagem de 1914, pp. 6-7.

De acordo com Oliveira, (2003, p. 52) a crise amazonense se aprofunda pelo motivo de estar voltada a um único segmento a exportação de borracha silvestre amazônica, onde não viabilizaram outras fontes de renda, e a crença que as

oscilações na cotação seria algo passageiro, (Bentes, 2008, p. 50) “*Isso porque nos primeiros anos de aprofundamentos da crise do preço da borracha no mercado internacional, 1910 e 1913, o Município de Manaus sofreu poucos abalos*” (...) sendo que o agravamento se torna mais intenso,

A partir da década de 1910, a cidade de Manaus estava vencida, já que passara quase meio século com toda a economia voltada para a borracha e não foram criadas alternativas para a produção de uma cidade perene. E, o que é mais espantoso, persistia a crença da revalorização da borracha nativa, permanecendo as mesmas formas que caracterizavam a produção no período áureo e todas as relações de produção, mantidas na perspectiva da sociedade extrativista, que se apegava aos processos anteriores sem capacidade de mobilização e de busca de novas alternativas. (Oliveira, 2003, p 52).

O plantio e replantio da *hevea* se torna uma solução apontada pelo governo perante tal situação econômica, porém continua a aplicar técnicas rudimentares na atividade extrativista.

(...) ao plantio e replantio das seringueiras, e o entusiasmo com que outros se lançam á agricultura, para conseguir o barateamento da produção uns, e outros como derivativo de sua actividade, embora que os seus processos sejam ainda rudimentares e a cultura nem seja variada nem extensa, como fôra para desejar. (Mensagem, p. 58).

Esse entusiasmo da elite extrativista de acreditar na crença da valorização da goma elástica, fato que não ocorreu ao passar dos anos após a queda das cotações no ano 1913, resultando posteriormente em efeitos na praça comercial de Manaus, onde, *a exportação da borracha diminuiu vertiginosamente e os efeitos da crise abalaram diretamente (...) os segmentos da economia regional afetando diretamente as empresas corriam um serio risco de fecharem as portas* (BENTES, 2008, p. 50) esses efeitos são esclarecidos pelo governador Jonathas Pedrosa em sua Mensagem à Assembleia Legislativa:

Os effeitos d'essa depressão economica ahi estão, aos olhos de todos, a manifestar-se por toda parte, em todas as actividades, desde as grandes empresas, organisadas durante o extraordinario periodo anterior e calcadas financeiramente em elementos economicos não mais existentes, até ás grandes e pequenas casas commerciaes d'esta praça, todas ellas atravessando enormissimas difficuldades financeiras, algumas já fallidas e outras na imminencia de não supportarem até a benigna tributação estadual ás industrias e profissões. (Mensagem 1915, p 60).

A situação fica mais abalada com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, situação econômica se agrava mais ainda como é possível compreender na Mensagem de 1915, (pp. 10-11) citada em Bentes, (2008, p. 54) onde de 1914 a 1918 se lê: *Nesse período, a borracha foi considerada contrabando de guerra,*

*ficando proibidas as exportações, exceto para a França e para a Rússia, isso complicava ainda mais a já difícil posição econômica do Estado.*

As dívidas públicas, como afirma na Mensagem de 1914( p. 59) *Os deficits avultam de anno para anno, sobrecarregando de compromissos o Thesouro e tolhendo, em absoluto, a liberdade de acção e iniciativa do governo.* Neste contexto a dívida com o passar dos anos no período de 1910 até 1916 teve um aumento e sobrecarregando as finanças do Tesouro, pois as dívidas se volumavam com os juros e as arrecadações diminuían a cada ano.

A crise anunciada no início do século torna-se realidade, quando ocorre a desvalorização da borracha no mercado mundial a partir de 1912, o que resulta em cotações cada vez mais baixas derivado da alta e crescente produção asiática, como pode ser observada na tabela abaixo:

**TABELA 1: Produção da borracha amazônica e asiática: 1900-1918<sup>3</sup>**

Anos	Produção de borracha toneladas		Preço médio em Libras esterlina
	Amazônia	Ásia	
1900	26.750	3	275,5
1901	30.290	4	248,0
1902	28.700	7	248,0
1903	31.095	19	275,6
1904	30.650	41	303,1
1905	35.000	171	330,7
1906	36.000	615	647,6
1907	38.000	1.323	509,8
1908	38.860	2.014	484,6
1909	42.000	3.685	780,8
1910	40.800	8.753	964,5
1911	37.730	15.800	601,7

<sup>3</sup>O quadro acima bem revela a magnitude da crise, que tivemos de enfrentar, pois enquanto a Amazônia continuava a produzir borracha, utilizando métodos primitivos, os países europeus asiáticos, sob a liderança da Inglaterra e outros países europeus conseguiram domesticar a seringueira silvestre amazônica, realizando na Ásia uma verdadeira revolução tecnológica através da heveicultura racional. BENCHIMOL, Samuel. Amazônia Formação Social e Cultural. Valer 1999 Manaus, p. 211.

1912	43.370	28.194	964,5
1913	39.560	47.618	523,6
1914	36.700	71.380	252,6
1915	37.220	107.867	275,6
1916	37.220	152.650	314,6
1917	39.370	204.251	310,6
1918	30.700	200.950	245,2
1919	34.285	381.860	227,4

Fonte: BENCHIMOL, Samuel. 1999. *Amazônia Formação Social e Cultural*, Manaus, Valer, p. 211.

As oscilações nas cotações internacionais até os meados de 1912 pareciam que iam se recuperar, mas a crescente oferta de borracha produzida na Ásia desvalorizava cada vez mais de forma que ficou cotada a entre 227£ a 314£ bem menos que nos anos de prosperidade da borracha silvestre amazônica.

Com essa desvalorização contínua e suas cotações em níveis baixos levaram a uma redução na arrecadação de impostos sobre exportação, conseqüentemente a ausência de capitais no tesouro que naquele ano e anos anteriores mantinham-se gastos excessivos da maquina publica na execução de obras de embelezamento, urbanismo e de salubridade que no inicio da crise gerava um descompasso econômico, onde as arrecadações não supriam mais as necessidades de tais obras que eram realizadas na cidade, tendo, *consequente deficiência das rendas das alfândegas e do thesouro nacional, cumulado de vultuosos compromissos e excessivas despesas (...)* Mensagem, (1915, p. 62) compromissos referente a empréstimos e as despesas do governo.

Desde o início da crise ocorre o descompasso econômico em decorrência das baixas arrecadações de intendência provenientes da queda do preço oferecido a borracha no mercado mundial a conseqüência e a paralisação de certas obras e serviços público o que são de extrema importância à população no qual o governador Jonathas Pedrosa relata, que, *abandonou não só o abastecimento d água a esta cidade como todas as obras e dependências que estavam a seu cargo* Mensagem, (1915, p. 47).

A cidade de Manaus começa a ter ares de abandono e tendo com isso uma deficiência para manter funcionamento dos principais serviços públicos prejudicando a qualidade de vida dos moradores, devido *uma violenta depressão em seu*

*coeficiente econômico* Mensagem, (1915, p 59) que levou o governo realizar inúmeros cortes no orçamento do Estado afetando desde o pagamento do funcionalismo público até as obras de infraestrutura assim viabilizando diminuição das despesas evitando novos empréstimos e aumento a dívida.

Mais uma vez isto fica evidente na Mensagem do governador Jonathas de Freitas Pedrosa:

Para conseguirmos, já não digo equilibrar a despeza com a receita, o que agora nos é totalmente impossível, mas, ao menos, reduzir o deficit, impõe-se inadiavelmente uma providencia radical, que o vosso interesse pela causa publica e o conhecimento dos negocios vos indicarão.

A vossa preocupação maxima, entretanto, em beneficio de todos, deve ser o córte inexoravel nas despesas, reduzindo-as tanto quando fôr possível, sem prejuizo da administração. Mensagem, 1914, p. 61.

Dessas causas decorrem naturalmente as dificuldades que tem encontrado o Governo de v. exc. em attender pontualmente aos pagamentos das obrigações da Lei orçamentária em que a despeza, além de exceder bastante á receita fixada, acha-se onerada de um credito illimitado na verba Exercicios Findos, por onde corre o volumoso passivo accumulado durante as administrações passadas. Mensagem, 1915, p. 79.

As consequências desses cortes para equilibrar as finanças podem ser vista no estado em que o Teatro Amazonas se encontrava com a carência de manutenção que estava paralisado devido à falta de capital para custear a reforma.

Conforme já tive ocasião de dizer-vos em mensagem anterior, deixar um tanto a desejar o estado de conservação desde proprio do Estado, um dos mais importantes monumentos desta Capital, carecendo de pinturas e concertos inadiaveis, não só na sala de espectaculos como no proprio palco, hoje desprovido de scenarios e outros utensilios.

A casa das machinas que fornecem a energia electrica, está prestes a desabar, não supportando concertos, tão estragada se encontra. (Mensagem, 1914, p. 36).

Para complicar a crise além de provocar a queda na arrecadação do Estado afetou as casas aviadoras que recebiam pela comercialização da borracha e mandava os mantimentos, como designa Bentes, (2008) o “rancho” que não é mais enviado devido à depreciação da goma e ausência de capital na praça comercial.

O seringueiro, para ir trabalhar no seringal, necessitava de instrumentos de trabalho e alimentos para se manter, os instrumentos e o “rancho” eram fornecidos pelo seringalista por meio do sistema de crédito, cuja garantia de pagamento era a borracha que o seringueiro iria extrair; o seringalista, para fornecer os instrumentos e o “racho” ao seringueiro, precisava de recursos que eram conseguidos com as casas aviadoras, localizadas em Manaus e em Belém; as casas aviadoras forneciam os créditos solicitados pelos seringalistas e recebiam como garantia de pagamento a produção vinda dos seringais. Os donos das casas aviadoras obtinham os créditos, que eram entregues aos seringalistas, com os representantes do capitalismo internacional. Foi essa rede de relações que dependia visceralmente do mercado internacional, criada pelo sistema de aviação, que alterou significativamente as relações econômicas internas. Bentes, 2008, p. 51).

De acordo com Milton Santos varias cidades do mundo assimilaram o que seria uma cidade moderna nos últimos séculos, à reprodução daquilo que se entendia como moderno prevaleceu inclusive em Manaus. Buscou-se alterar o sítio urbano<sup>4</sup> que segundo Oliveira, “modificou-se, a posição de Manaus não é a mesma, tudo se modificou, mas principalmente a cultura, a partir da transformação de hábitos e costumes” (2003, p. 28), além disso os administradores visavam alterar o relevo da cidade (fig 1)

Para viabilizar a leitura da paisagem e as marcas deixadas pela história do lugar, Santos (1978) utiliza a expressão “rugosidade”, sendo caracterizada pelo espaço construído em um tempo histórico que se transformou em uma paisagem inserida ao espaço, ficando muitas vezes as marcas de um determinado momento, como um apogeu econômico, o espaço urbano analisado, é um testemunho de como a cidade se caracterizou em um período. (SANTOS, 2004 p 173). O centro histórico da cidade de Manaus representa em primeiro lugar, localizações antigas que se transformaram no período da *belle époque* e passaram a condicionam as novas localizações, partindo das alterações que o processo de ocupação que ocorreu em aproximadamente um século o mesmo sofreu intensas modificações e se alternou, no sentido de tal forma que o significado das ocupações e utilização das construções referente a casas e estabelecimentos foram apagadas, ou seja, alguns imóveis foram perdendo o significado histórico de uso, porém outros como o teatro Amazonas ainda mantém o seu valor simbólico. (SANTOS, 2004, p. 165).

As transformações na cidade ainda são visíveis e deixaram marcas, uma delas apesar de não ter sido concluída, mas alterou o espaço físico através das obras de aterro de inúmeros igarapés e a ideias de planificar a cidade, estas alterações assim como a quadriculação das ruas é notável na figura 1.

---

<sup>4</sup> A noção de sítio urbano refere-se ao conjunto urbano e ao conjunto individualizado do espaço, seja pelos seus aspectos naturais, seja pelos fatos arquitetônicos, sociais, históricos e econômicos. (OLIVEIRA, 2003, p. 28).



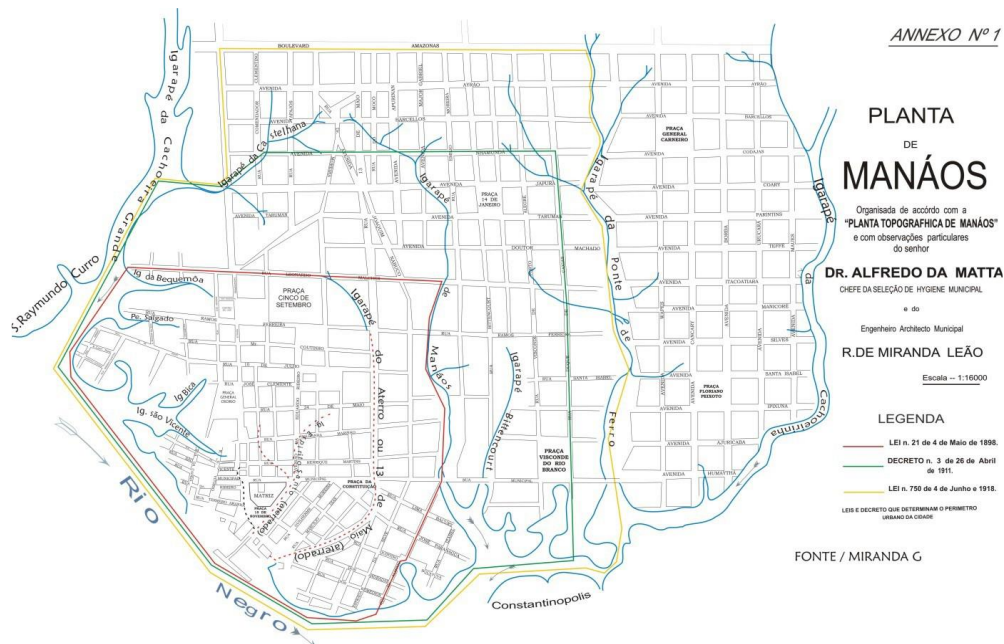


Figura 1: Planta da cidade de Manaus (BENTES, 2008. p.166).

As formas espaciais fixas criadas pelo modo de produção podem desaparecer, e se cristaliza muitas vezes nas memórias (SANTOS, 2004, p 173) no caso específico de Manaus, as estruturas de alvenarias e as leis do Código de Postura não exercem a mesma função que tiveram no passado. A figura 2, demonstra a paisagem pretérita a e atual abandono de prédios no centro histórico.



Figura 2. Abandono estruturas que variam de casa à estabelecimentos comerciais, que funcionaram plenamente no ciclo da borracha, e na atualidade algumas dessas construções encontram-se deterioradas. Fonte: Thiago O. Neto (18/04/13)

Compreendendo esse processo Santos ainda ressalta que o espaço,

(...) portanto é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se de faz paralelamente à mudança de processos; ao contrario, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas. (SANTOS, 2004, p. 173)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Concomitante o Estado do Amazonas não procedeu aos mesmos modos que dos Ingleses, que iniciaram uma mega plantação com o propósito de realizar grande produção de borracha, entretanto houve um aperfeiçoamento das técnicas para realização desde o plantio até a retirada do látex, e mesmo com a evidência do salto inglês em manifestar ter grandes áreas destinadas aos seringais o poder público manauara permanece numa inércia com poucas atitudes tomadas no período de 1880 a 1910. O resultando desse fator foi o meio século de crise que a cidade vivenciou.

Contudo a crise da borracha foi um fator que foi sustentado de inúmeros pilares, de tal maneira que o Estado não mobilizou outra via que fornecesse lucros a sociedade e os cofres públicos. O resultado da crise foi à ausência de investimentos na única fonte de renda, o que deu início ao descompasso econômico marcado pelo endividamento, queda vertiginosa nas arrecadações, abandono nos seringais reflexo da situação ter afetado os seringueiros pela baixa cotação no mercado mundial. A desvalorização devido à concorrência e a oferta do produto no mercado.

Apesar de inúmeros relatos nos documentos de Governo antes de 1910 é possível observar que os governantes eram cientes da situação, mas continuaram optando pelo extrativismo da borracha e não viabilizaram em diversificar a economia o que em meados da primeira década do século XX a economia já sofreria impactos com a diminuição no preço pago pela tonelada de borracha e conseqüentemente o fechamento de estabelecimentos comerciais.

Ainda há algumas considerações a serem realizadas no contexto da crise sendo percebido e sentido com intensidade nas finanças a partir de 1912 quando o valor da borracha tende a depreciar ainda mais, o que afetou diretamente a praça comercial de Manaus e o Estado em si, pois a falta de capital provocou o acúmulo de dívidas os corte no orçamento medida para estabilizar a situação que se manteve num estado agravante até o final de seu governo, os primeiros anos são marcados pelo choque entre as grandes arrecadações e a baixa chegando ser menos da

metade do que se arrecadava demonstrando a complexidade e a escala que chegou, onde as medidas tomadas depois de 1912 apenas foram de caráter paliativo não sendo sequer demonstrado viabilidade financeira o que comprometeu ainda mais o orçamento.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. Revista da faculdade de letras geografia I serie vol. XIV. Porto 1998. Pp 77-97.

\_\_\_\_\_. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro. Revista Brasileira de Geografia. Vol. 56. Rio de Janeiro, 1994.

BENCHIMOL, Samuel. 1999. Amazônia Formação Social e Cultural. Valer, Manaus.

\_\_\_\_\_. 1977. Amazônia: um pouco-antes e além-depois. Manaus: Umberto Calderado.

\_\_\_\_\_. 1966. Estrutura Geo-social e Econômica da Amazônia. 2º volume. Edições Governo do Estado do Amazonas, Manaus.

BENTES, Dorinethe dos Santos. 2008. Outras faces da história: Manaus 1910-1940, Manaus, dissertação, UFAM, 207, pp.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org). 2011. A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto.

CORRÊA, Roberto Lobato. 2007. Região e organização espacial. 8ª. Ed. São Paulo: Ática.

DIAS, Edinéa Mascarenhas. 2007. A Ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920, Manaus, Valer.

GEORGE, Pierre. 1983. Geografia urbana. Trad. De. Pelo grupo de estudos franceses de interpretação e tradução. São Paulo: Difel.

GOFF, Jacques Le. 1998. Por amor às cidades. Trad. De Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP.

LOUREIRO, Antonio José Souto. 1986. A grande crise (1909-1916). Manaus: edição do autor.

\_\_\_\_\_. 1994. Tempos de Esperança. Manaus: Editora Sérgio Cardoso.

MOREIRA, Otoni Mesquita. 1999. *Manaus História e Arquitetura (1852-1910)*, Manaus, Valer.

\_\_\_\_\_. 2005. La Belle Vitrine. O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus (1890/1900), Niterói, tese, UFF, 439 pp.

MUNFORD, Lewis. 1998. A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas. Trad. De. Neil R. da Silva. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes.

OLIVEIRA, José Aldemir e MARGALHÃES, Soraia Pereira de. 2003 “A circulação na Manaus da Belle Époque: Modernização e exclusão”, Revista Geografia da UFC, ano 2 numero 4. 45-56.

SANTOS, Milton. 1989. Manual de geografia urbana. 2ª Ed. HUCITEC, São Paulo.

\_\_\_\_\_. 2004. Por uma geografia Nova. Da crítica da Geografia a uma Nova Crítica. Edusp.

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço. 2006. 4ª. Ed. São Paulo: Edusp.

SANTOS, Roberto. 1980. Historia Econômica da Amazônia 1800-1920. São Paulo: T. A. Queiróz.

Yi Fu Tuan. 1983. Espaço e Lugar A perspectiva da Experiência. Trad. De. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel.

WEINSTEIN, Barbara. 1993. A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência (1850-1920). Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC-EDUSP: Editora da Universidade de São Paulo.

## **DOCUMENTOS DE GOVERNO**

Edição Comemorativa do 5.º Aniversario do Estado Novo Estado do Amazonas Diário Oficial Administração do Dr. Alvaro Maia de 10 de novembro de 1942 terça feira número 14.169, ano XLIX

**EXPOSIÇÃO** com que o Coronel Guilherme José Moreira 1º vice-presidente da província do estado do Amazonas, entregou a administração ao presidente Dr. Theodoreto Carlos de Farias Souto em 11 de março de 1884.

**FALLA** com que o Exm. Sr. Dr. Satiro de Oliveira Dias, presidente da província do Amazonas, abriu a 2ª sessão da 15ª legislatura da assembléia provincial em 4 de abril 1881.

**RELATÓRIO** apresentado á assembléia legislativa provincial do Amazonas na abertura da segunda sessão da décima sexta legislatura em 25 de março de 1883 pelo presidente José Lustosa da Cunha Paranaguá. 25 de março de 1883.

**MENSAGEM** lida perante o congresso dos Srs. Representantes em 1º de março de 1896 pelo Exm. Sr. Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro governador do estado.

**MENSAGEM** Lida perante o Congresso na abertura da Terceira sessão ordinária da quinta legislatura pelo Governador do Estado Dr. Antonio Constantino Nery em 10 de julho de 1906.

**MENSAGEM** lida perante o Congresso do Amazonas na abertura da Segunda sessão ordinária da sétima legislatura, pelo Exmo. Snr. Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Governador do Estado em 10 de julho de 1910. Manáos, Secção de Obras da Imprensa Official. 97 – Rua Municipal – 97, 1910.

**MENSAGEM** lida perante o Congresso do Amazonas na abertura da Primeira sessão ordinária da sétima legislatura, pelo Exmo. Snr. Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Governador do Estado em 10 de julho de 1911. Manáos, Secção de Obras da Imprensa Official. 97 – Rua Municipal – 97, 1911.

**MENSAGEM** lida perante o Congresso do Amazonas na abertura da Terceira sessão ordinária da sétima legislatura, pelo Exmo. Snr. Coronel Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Governador do Estado em 10 de julho de 1912. Manáos, Secção de Obras da Imprensa Official. 97 – Rua Municipal – 97, 1912.

**MENSAGEM** lida perante o Congresso do Amazonas na abertura da primeira sessão ordinária da oitava legislatura, pelo Exmo. Snr. Dr. Jonatha Freitas Pedrosa Governador do Estado, em 25 de fevereiro de 1913. Manáos, Secção de Obras da Imprensa Official. 97 – Rua Municipal – 97, 1913.

**MENSAGEM** lida perante a Assembléia Legislativa por ocasião da Abertura da segunda sessão ordinária da oitava legislatura, em 10 de julho de 1914 pelo Exmo. Snr. Governador do Estado, Jonathas de Freitas Pedrosa acompanhado dos Relatórios dos Chefes de Repartições. Manáos – Amazonas. Secção de Obras da Imprensa Pública. 97 – Rua Municipal – 97, 1914.

**MENSAGEM** lida perante a Assembléia Legislativa na abertura da Terceira sessão ordinária da oitava legislatura pelo Exmo. Snr. Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa Governador do Estado, em 10 de julho de 1915. Manáos – Amazonas. Secção de Obras da Imprensa Pública. 97 – Rua Municipal – 97, 1915.

**MENSAGEM** lida perante a Assembléia Legislativa na abertura da Sessão extraordinária da nona legislatura pelo Exmo. Sr. Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa Governador do Estado, a 15 de janeiro de 1916. Manáos – Amazonas. Secção de Obras da Imprensa Pública. 97 – Rua Municipal – 97, 1916.

**MENSAGEM** lida perante a Assembléia Legislativa na abertura da Segunda Sessão Ordinária da Nona Legislatura pelo Exmo. Sr. Dr. Pedro de Alcantara Bacellar Governador do Estado, a 10 de julho de 1917. Manáos – Amazonas. Secção de Obras da Imprensa Pública. 97 – Rua Municipal – 97, 1917.

**RELATÓRIO** Exm. Sr Tenente Coronel Clarindo de Queiroz, presidente da Província do Amazonas, abriu a 1ª sessão da 15ª. Legislatura da assembléia legislativa provincial, em 31 de março de 1880.

**RELATÓRIO** com que em 17 de março de 1882 o 2ª Vice-Presidente da Província do Amazonas Dr. Romualdo de Souza Paes de Andrade entregou a administração ao Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá.

**RELATÓRIO** apresentado á assembléia legislativa provincial do Amazonas na abertura da segunda sessão da décima sexta legislatura em 25 de março de 1883 pelo presidente José Lustosa da Cunha Paranaguá.

## CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago 2012	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2013	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
01	Leituras gerais: Extratativismo, Urbanização, Amazônia, Documentos oficiais	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	
02	Apresentação Parcial				R								
03	Biblioteca Pública								X	X	X	X	
04	Relatório parcial						x						
05	Biblioteca do CCPA								x				
06	IGHA							x	x				
	- Elaboração do Resumo e Relatório Final (atividade obrigatória) - Preparação da Apresentação Final para o Congresso (atividade obrigatória)											X	X